

Cita: Cruz, J. H. B., Motta, T. C., Silva, R. M. S. & Bergmann, G. G. (2024). Treinadores de handebol do Brasil: Perfil demográfico, de formação e atuação profissional. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 24(2), 253-266

Entrenadores de balonmano en Brasil: perfil demográfico, formativo y de desempeño profesional

Handball coaches in Brazil: Demographic, training and professional performance profile

Treinadores de handebol do Brasil: Perfil demográfico, de formação e atuação profissional

Cruz, Julie Hellen de Barros da¹, Motta, Tamires Carvalho¹, Silva, Rose Méri Santos da¹, Bergmann, Gabriel Gustavo¹

¹*Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Brasil*

RESUMEN

El objetivo de este estudio es describir el perfil demográfico, la formación y el desempeño profesional de los entrenadores de balonmano que actúan en Brasil. Se trata de uno estudio transversal, con diseño descriptivo y cuantitativo, con información de 226 entrenadores. La selección de estos participantes fue no aleatoria por conveniencia, en una red para ampliar contactos, con herramientas de investigación basadas en el método bola de nieve virtual. La información se obtuvo a través de cuestionario virtual autocompletado. Los datos fueron tabulados y analizados usando estadística descriptiva. Participaron entrenadores de todos los estados del país y del Distrito Federal. La edad media fue 40,8 años, siendo la mayoría hombres (81%). Casi la totalidad de los participantes tiene titulación en Educación Física o Deportes (89.8%). El principal lugar de actuación es la escuela, la mayoría trabaja en un solo lugar como entrenador y no tiene la modalidad como principal fuente de remuneración (63.3%). Aun así, casi la mitad de los participantes informaron actuar solos en su equipo, lo que denota escasez de personal técnico en la mayoría de los equipos. Los resultados de esta investigación contribuyen a una mejor comprensión del escenario de los entrenadores en Brasil, lo que permite destacar las necesidades y discrepancias, para que los datos atraigan la atención de los órganos competentes, con el objetivo principal de llevar a cabo acciones encaminadas a mejorar el desempeño de este campo, posibilitando ampliar el espacio de la mujer, valorizar financieramente a los profesionales y mejorar las condiciones estructurales.

Palabras clave: equipo de deporte; estudio descriptivo; entrenador; balonmano; Brasil.

ABSTRACT

The aim of this study is to describe the demographic profile, training and professional performance of handball coaches who work in Brazil. This is a cross-sectional study, with a descriptive and quantitative design, based on information from 226 handball coaches. The selection of these participants was non-random for convenience, through a network to expand contacts, based on research tools of the virtual snowball method. Information was

obtained through a self-completed online questionnaire. Data were tabulated and analyzed using descriptive statistics. Coaches from all states of the country and the Federal District participated in the study. The mean age was 40.8 years, with the majority being men (81%). Almost all participants have a degree in Physical Education or Sports (89.8%). The main place of work is the school, most of the participants work in only one place as a coach and do not have the modality as their main source of income (63.3%). Still, almost half of the participants reported acting alone in their team, denoting a shortage of technical staff in most teams. The results of this investigation contribute to a better understanding of the scenario in which handball coaches in Brazil are inserted, making it possible to highlight the needs and discrepancies found, so that the data attract the attention of the competent institutions, mainly aiming to carry out actions aiming to improve this field performance, making it possible to expand the space for women, bring financial appreciation to professionals and improve structural conditions.

Keywords: team sport; descriptive study; coach; handball; Brazil.

RESUMO

O objetivo deste estudo é descrever o perfil demográfico, de formação e de atuação profissional de treinadores de handebol que atuam no Brasil. Trata-se de uma pesquisa transversal, com delineamento descritivo e quantitativo, realizada a partir de informações de 226 treinadores de handebol. A seleção destes participantes foi de maneira não aleatória por conveniência, através de uma rede de ampliação de contatos, baseada em ferramentas de investigação a partir do método bola de neve virtual. As informações foram obtidas por questionário on-line de autopreenchimento. Os dados foram tabulados e analisados por meio da estatística descritiva. Participaram do estudo treinadores de todos estados do país e do Distrito Federal. A média de idade foi 40,8 anos, sendo a maioria homens (81%). Quase a totalidade dos participantes é graduada em Educação Física ou Esporte (89.8%). O principal local de atuação é a escola, majoritariamente os participantes atuam em apenas um local como treinador e não tem a modalidade como principal fonte de renda (63.3%). Ainda, quase metade dos participantes relatou atuar sozinho em sua equipe, denotando escassez de comissão técnica em grande parte das equipes. Os resultados desta investigação contribuem para a melhor compreensão do cenário em que os treinadores de Handebol do Brasil estão inseridos, possibilitando evidenciar as necessidades e discrepâncias encontradas, para que assim os dados chamem a atenção dos órgãos competentes, principalmente visando realizar ações para aprimorar esse campo atuação, possibilitando ampliar o espaço para as mulheres, trazer valorização financeira aos profissionais e melhorar condições estruturais.

Palavras chave: esporte coletivo; estudo descritivo; treinador; handebol; Brasil.

INTRODUÇÃO

Treinadores são parte essencial da existência e do desenvolvimento das equipes esportivas. Estes profissionais são responsáveis por funções imprescindíveis, tais como definir a visão e a estratégia, moldar o ambiente, construir relacionamentos, conduzir práticas, preparar atletas e equipes para competições, além de gerenciar, ler, reagir, refletindo e aprendendo com as ações que ocorrem no jogo e no dia a dia de seu trabalho (ICCE, 2013). Ademais, ainda enfrentam demandas de seus atletas, responsáveis (Bettega et al., 2023), comissão técnica, entre outros personagens envolvidos no esporte (ICCE, 2013).

Tendo em vista o importante papel que estes profissionais desempenham, torna-se relevante compreender o perfil e o entorno de sua atuação, considerando características específicas da modalidade.

O Handebol vem sendo difundido ao redor do mundo e possui alta notoriedade no contexto escolar no Brasil (Ribeiro et al., 2022). Por este motivo, acaba se popularizando e sendo praticado em alto volume de participantes tanto por homens, quanto por mulheres.

Entretanto, apesar da popularidade da modalidade no país, ainda existem lacunas no que tange ao entendimento do perfil dos treinadores de Handebol que atuam no Brasil. Atualmente, não são

Perfil dos Treinadores de Handebol do Brasil

encontrados na literatura estudos que descrevam o perfil dos profissionais que atuam na modalidade, suas características de formação e atuação.

As investigações acerca dos treinadores esportivos no Brasil têm sido voltadas para tópicos relativos a ideias (o que pensam ou sentem) e comportamentos (o que fazem ou deveriam fazer) em diferentes abordagens (Galatti et al., 2016). Em estudos encontrados sobre os aspectos profissionais, no que tange a formação do treinador e o desenvolvimento da modalidade, direcionam grande parte das investigações para as fontes de conhecimentos dos profissionais. Ao analisarmos diretamente os treinadores da modalidade Handebol, estudos estão voltados para processos de ensino-aprendizagem em diferentes categorias e no entendimento do desenvolvimento tático-técnico de jogo (Mendes et al., 2020).

Portanto, tendo em vista a importância de conhecer o perfil dos treinadores que atuam na modalidade no país, o objetivo deste estudo é descrever o perfil demográfico, de formação e atuação profissional de treinadores de Handebol que atuam no Brasil.

MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa transversal (Ato et al., 2013), com delineamento descritivo e quantitativo.

Participantes

A amostra do estudo contou com treinadores de Handebol de todos os estados brasileiros e do Distrito Federal. Para participação na pesquisa foi estabelecido como critério de elegibilidade a necessidade de atuar com a modalidade. Dessa forma, profissionais pertencentes a comissão técnica, de diferentes cargos, respondeu ao instrumento de coleta.

No entanto, foram excluídos da amostra os participantes menores de idade, os que atuavam fora do Brasil, os que no momento não atuavam em nenhuma equipe, e os participantes que não eram os treinadores principais da equipe. Sendo assim, mesmo que o participante fizesse parte de uma comissão técnica, não era parte do nosso objetivo descrever o perfil dos profissionais que exerciam outra função na equipe que não a de treinador principal. A seleção dos participantes foi realizada de maneira não aleatória por conveniência.

Instrumentos

As informações foram obtidas através de questionário on-line de autopreenchimento, realizado pela plataforma Google Forms, com perguntas abertas e fechadas, estruturadas para responder os objetivos da pesquisa. A elaboração do instrumento foi realizada considerando o estudo de Salles et al. (2009) como base.

As questões abordaram aspectos de perfil demográfico dos participantes (sexo e data de nascimento), formação acadêmica (graduação, pós-graduação e ano de conclusão) e perfil profissional (tempo de atuação com categorias de base, função que exerce na equipe, qual estado atua, local em que atua, competições que participa e remuneração).

É importante ressaltar que um estudo piloto foi realizado para a identificação da clareza do questionário. A definição da clareza foi feita a partir da análise de 15 indivíduos, de diferentes perfis profissionais, que responderam e analisaram as questões, sendo eles: 5 treinadores de Handebol ligados a clubes e/ou escolas, 3 treinadores específicos de goleiros de Handebol experientes, 1 profissional não ligado à Educação Física, 1 treinador de futsal, 4 acadêmicos de graduação em Educação Física e 1 acadêmico de mestrado em Educação Física. A partir da visão destes diferentes personagens foi elaborada a versão final do instrumento tendo as questões estruturadas, claras e concisas para melhor atenderem aos objetivos da pesquisa.

Procedimento

A amostra foi constituída através de uma rede de ampliação de contatos, baseada em ferramentas de investigação a partir do método bola de neve virtual (Costa, 2018). Essa rede teve como ponto de partida dois grupos que se comunicavam regularmente utilizando WhatsApp (um aplicativo de mensagens instantâneas, chamadas de voz, de vídeo e envio de arquivos para smartphones; e, 52 contatos de e-mail de todas as federações estaduais de Handebol do Brasil (mais de um contato em alguns estados), que foram disponibilizados pela Confederação Brasileira de Handebol (CBHb). Um dos grupos, Escola de Treinadores, era composto por aproximadamente 200 membros de diferentes regiões do Brasil. O outro grupo, Handebol RS, contava com 100 participantes do Rio Grande do Sul.

Inicialmente, foi encaminhada aos grupos e contatos de e-mail uma breve explanação sobre o estudo, juntamente com um convite de participação com o link para acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e ao questionário, disponíveis na plataforma do Google Forms. Nos grupos de Whatsapp, esse envio foi realizado em 5 momentos com dias e horários distintos (diferença de 7, 6, 3 e 4 dias entre eles, respectivamente). Além disso, foram enviados e-mails para as federações em três momentos, excluindo as que já tivessem dado retorno. Para as federações que não retornaram na segunda tentativa, buscamos perfis em redes sociais (Facebook e/ou Instagram) para contatarmos, visando ampliar o alcance do estudo para todos os estados.

Além disso, buscamos grupos de Facebook que tivessem profissionais e praticantes de Handebol com o intuito de aumentar a abrangência da rede de contatos. Não houve critério de seleção dos grupos, apenas foi realizada uma busca com a palavra “Handebol” e solicitada a entrada nos 10 primeiros grupos encontrados. Alguns não aceitaram a solicitação a tempo de fazer parte da pesquisa, mas em sete grupos foi feita uma publicação explicando os principais objetivos do estudo e solicitando que os participantes interessados em colaborar respondessem ao post ou entrassem em contato diretamente com os pesquisadores. Nestes grupos não foi disponibilizado o link para o acesso ao TCLE e ao questionário por não serem apenas voltados para profissionais que atuam com a modalidade, sendo compostos também por praticantes. Devido ao baixo retorno nestes grupos iniciais, não ampliamos as buscas no Facebook.

Ademais, diversos profissionais auxiliaram, tanto na divulgação do questionário em outros grupos de WhatsApp, quanto disponibilizando o número de telefone de colegas de seus estados para que entrássemos em contato. Para estes indicados, além da mensagem de convite para a participação, era

também citado o profissional que o havia indicado, visando tornar o contato mais pessoal.

O questionário ficou aberto durante quatro semanas (de 22 de fevereiro a 21 de março de 2021) e as fases de recrutamento ocorreram nesse período.

Todos os participantes consentiram em participar do estudo aceitando ao TCLE no início do questionário. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Superior de Educação Física, da Universidade Federal de Pelotas, sob o parecer 4.436.955. Importante ressaltar que o estudo foi realizado de acordo com a Declaração de Helsinki, no que tange os aspectos éticos fundamentais para estudos com seres humanos (World Medical Association, 2013), bem como cumpriu com as normas de ética nas investigações das Ciências do Esporte e do Exercício (Harriss et al., 2019).

Análise estatística

Os dados oriundos do questionário foram tabulados e analisados no programa estatístico SPSS 20.0 e a apresentação das informações foi feita a partir da estatística descritiva. Para as informações nas quais as respostas foram organizadas em formato de variáveis categóricas, foram utilizadas as frequências absolutas e relativas. Para as respostas organizadas em formato de variáveis numéricas, foram utilizadas a média e o desvio padrão.

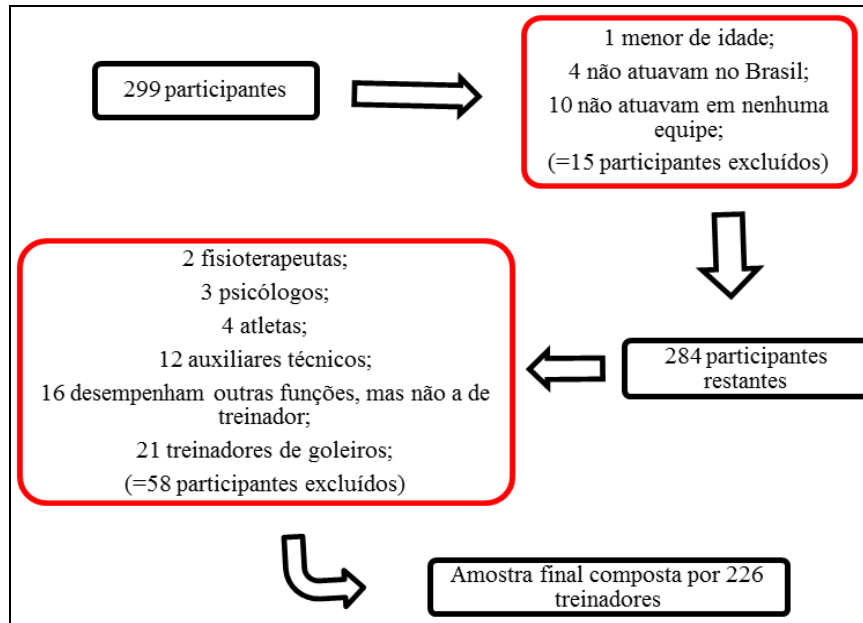
RESULTADOS

Dos 299 respondentes, inicialmente 1 foi excluído por ser menor de idade, 4 foram excluídos por não atuarem no Brasil e 10 foram excluídos por não atuarem em nenhuma equipe. Dos 284 participantes restantes, 58 foram excluídos por não serem os treinadores principais, dos quais 2 fisioterapeutas, 3 psicólogos, 4 atletas, 12 eram auxiliares técnicos, 16 desempenhavam outras funções, mas não eram treinadores e 21 eram treinadores de goleiros.

Perfil dos Treinadores de Handebol do Brasil

Figura 1

Fluxograma da composição da amostra (n=299).

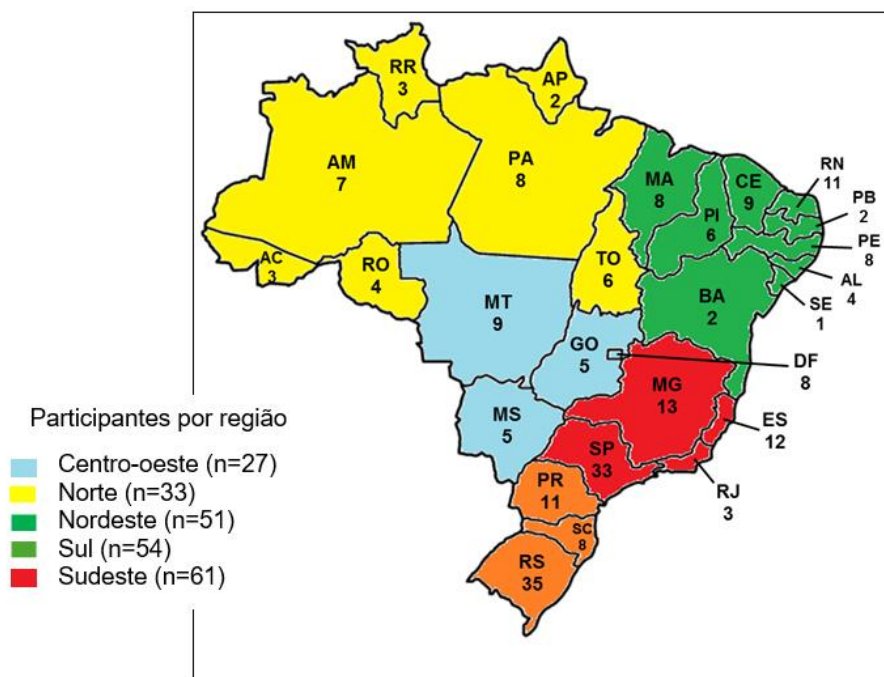


Em relação à distribuição dos participantes por estados e regiões do país, a Figura 2 a seguir mostra a

representatividade do estudo com treinadores de todos estados e do Distrito Federal.

Figura 2

Mapa com distribuição da amostra por estados e regiões do Brasil (n=226).



O perfil demográfico dos participantes indica predominância masculina (81% homens; $n = 183$), média de idade 40.85 (± 9.55), sendo a maioria dos participantes na faixa etária de 30 a 39 anos (36.7%; $n = 83$), seguido de 29.6% entre 40 e 49 anos, 21.2% de 50 a 68 anos e apenas 12.4% de 22 a 29 anos.

Na Tabela 1 é possível verificar que a maioria dos participantes é graduado em Educação Física ou Esporte (89.8%) e possui pós-graduação (63.7%). Ademais, a grande maioria atualmente trabalha ou já atuou em categorias de base (97.3%), tendo 42.5% atuado até 10 anos com essas categorias.

Outro dado relevante a ser ressaltado é de que apenas 10, dos 226 participantes, não tiveram experiência como praticantes de modalidades coletivas. Dos 95.6% participantes que afirmaram ter praticado modalidades coletivas, 75.9% praticavam Handebol e/ou Handebol de praia.

No que tange a remuneração, 63.3% ($n = 143$) dos participantes não tem na atuação com o Handebol sua principal fonte de renda (Figura 3).

Tabela 1

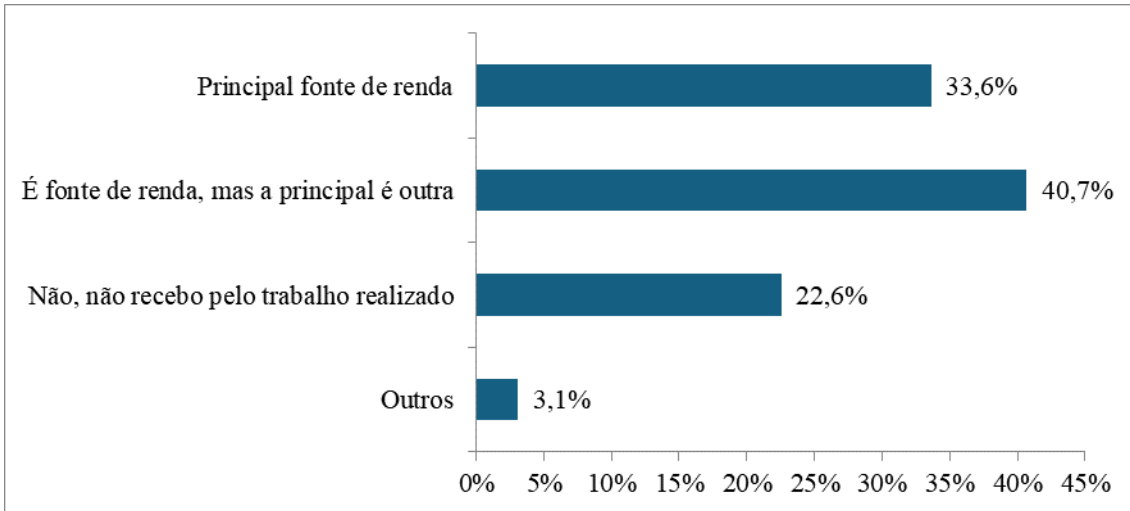
Formação acadêmica e experiência profissional dos treinadores principais das equipes do Brasil ($n=226$).

Formação acadêmica (n; %)		
Graduado em Educação Física ou Esporte	203	89.8%
Graduação em andamento em EF ou Esporte	6	2.7%
Graduação em andamento fora da área ou sem especificar	10	4.4%
Graduado fora da área	1	0.4%
Não possui graduação	6	2.7%
Pós Graduação (n; %)		
Não possui	80	35.4%
Possui	144	63.7%
Não respondeu	2	0.9%
Atuação em categorias de base (n; %)		
Atualmente trabalho com categoria de base	177	78.3%
Já trabalhei com categorias de base, mas atualmente não	43	19.0%
Nunca atuei com categorias de base	6	2.7%
Tempo de atuação em categorias de base (n; %)		
Até 10 anos	96	42.5%
11 a 20 anos	74	32.7%
21 a 30 anos	42	18.6%
Mais de 30 anos	13	5.8%
Não respondeu	1	0.4%
Experiência como praticante de modalidade coletiva (n; %)		
Sim	216	95.6%
Não	10	4.4%

Perfil dos Treinadores de Handebol do Brasil

Figura 3

Atuação na modalidade como fonte de renda ($n = 266$).

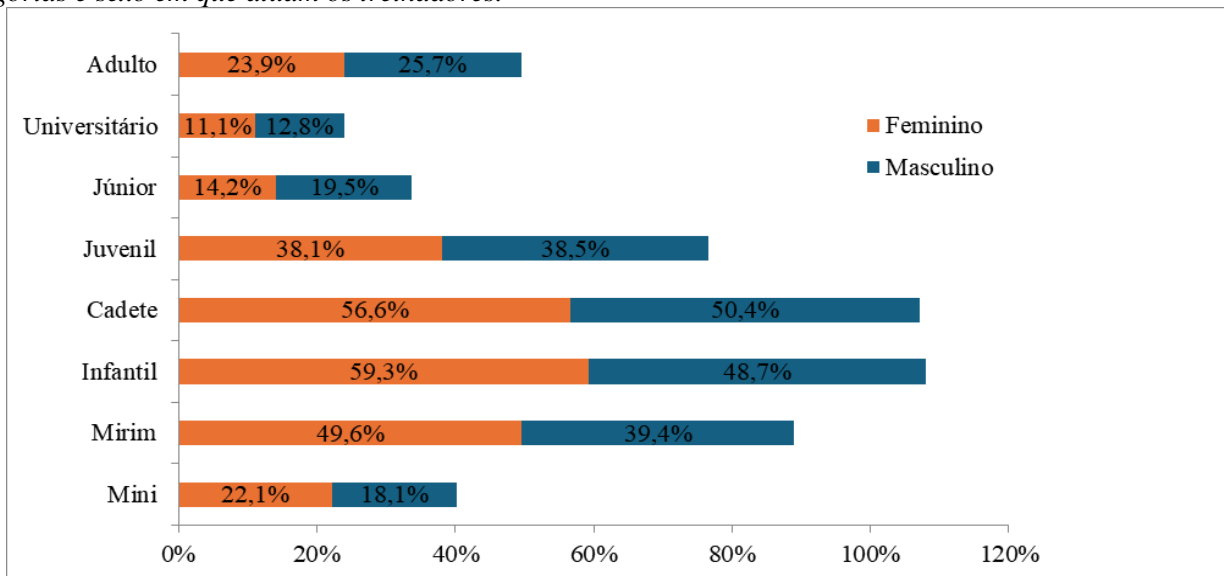


Em relação às categorias e sexo das equipes em que os treinadores atuam (Figura 4), é possível observar equilíbrio na atuação entre os sexos, tendo como categorias com maior atuação o infantil e o cadete.

Além disso, temos que 50,9% ($n = 115$) dos treinadores atuam no masculino e feminino, enquanto o restante dos participantes atua em um dos sexos.

Figura 4

Categorias e sexo em que atuam os treinadores.



É possível observar na Tabela 2, que apenas 7 profissionais afirmaram exercer mais de uma função na equipe, que mais da metade dos participantes afirmaram atuar em escola (52,2%), e menos de 20% atuam em 2 ou mais locais.

No que se refere à composição da comissão técnica, praticamente metade (47,8%) dos treinadores atua sem outros integrantes e o restante (48,2%) atua com um auxiliar técnico. Para os demais cargos, menos 20% das equipes possuem profissionais atuando.

Tabela 2*Caracterização das equipes em que atuam os treinadores (n = 226).***Função na equipe (n; %)**

Treinador	219	96.9%
Mais de uma função	7	3.1%

Vínculo da equipe em que atua*(n; %)

Escola	118	52.20%
Clube	80	35.40%
Prefeitura	44	19.50%
Federação Estadual	24	10.60%
Universidade	16	7.10%
CBHb	8	3.50%
Outros	10	4.40%

Quantidade de locais em que atua (n; %)

1	181	80.1%
2	26	11.5%
3	13	5.8%
4 ou mais	6	2.7%

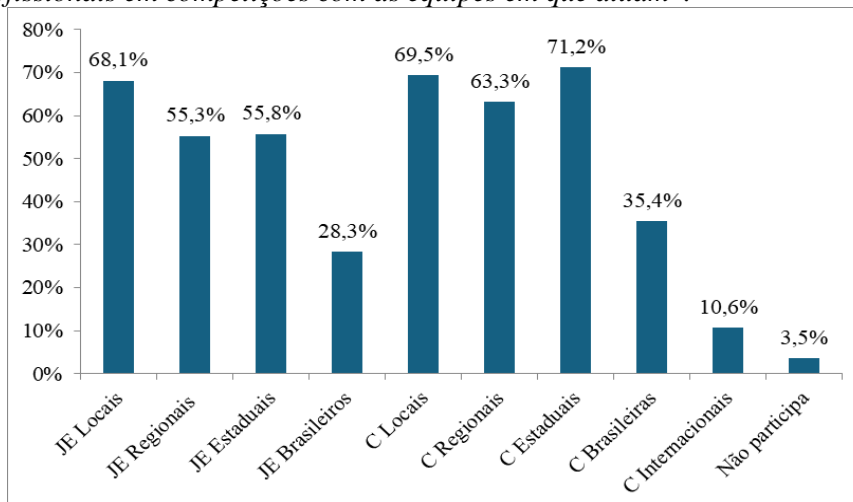
Composição da comissão técnica da equipe em que atua* (n; %)

Apenas eu	108	47.8%
Auxiliar Técnico	109	48.2%
Treinador principal	83	36.7%
Treinador de goleiros	45	19.9%
Preparador Físico	45	19.9%
Fisioterapeuta	41	18.1%
Psicólogo	22	9.7%
Nutricionista	12	5.3%
Analista de desempenho	5	2.2%
Outros	12	5.3%

Nota: *Questões que poderiam ter mais de uma resposta.

No quesito participação em competições, mais da metade dos participantes afirmaram competir em jogos escolares e competições locais, regionais e

estaduais. E mais de 10% participam de competições internacionais (Figura 5).

Figura 5*Participação dos profissionais em competições com as equipes em que atuam*.*

Nota: *Os participantes poderiam marcar mais de uma resposta. JE: Jogos Escolares; C: Competições

Perfil dos Treinadores de Handebol do Brasil

DISCUSSÃO

O objetivo do presente estudo foi descrever o perfil demográfico, de formação e atuação profissional de treinadores de Handebol que atuam no Brasil. Em nosso conhecimento este é o primeiro estudo a realizar uma descrição sobre essas características de treinadores de Handebol de todo o Brasil.

Dentre os diversos resultados do estudo, um dado que chama atenção é a disparidade no número de treinadores homens (81%; $n = 183$), quando comparado às mulheres (19%; $n = 43$). Esta discrepância no cenário de treinadores vem sendo identificada e discutida em diversas modalidades esportivas (Passero et al., 2019). Ferreira et al. (2013), realizaram uma pesquisa com 259 federações esportivas (22 modalidades) e encontraram que somente 7% dos técnicos cadastrados eram mulheres. Ainda, evidenciaram que mais de 70% das federações não possuíam nenhuma mulher como treinadora, demonstrando que não é exclusividade do Handebol esta premissa (Ferreira et al., 2013). Essa desigualdade também é observada em outras posições de liderança dentro do esporte (Lesch et al., 2022). Entretanto, é necessário buscar entender os motivos para que esse fenômeno ocorra.

Procurando compreender essa disparidade, observa-se que diversos são os obstáculos que as mulheres necessitam transpor para cada vez mais estarem inseridas nesse cenário. Um dos motivos apontados na literatura para esta prevalência é a tendência de homens contratarem outros homens para ocuparem estes espaços, além de preconceitos e questionamentos relativos à capacidade das mulheres, o que dificulta a inserção e a continuidade neste meio (Ferreira et al., 2013). Nesse sentido, é importante que os órgãos competentes busquem soluções para que cada vez mais mulheres estejam inseridas como treinadoras, não só no Handebol, como em todas as modalidades.

No que se refere à faixa etária dos participantes, a maioria está na faixa de 30 a 49 anos (66.3%). No estudo de Egerland et al. (2009), o qual investigou 213 treinadores de modalidades coletivas e individuais no estado de Santa Catarina, foi encontrado um percentual de 66.7% de treinadores também nessa faixa etária. Ao levarmos em consideração a gama de responsabilidades profissionais que desempenha o treinador, torna-se

compreensível a faixa etária encontrada neste estudo, pois, conforme ressalta Cortella et al. (2013), essas características acabam não sendo habituais aos treinadores jovens.

Em diversas modalidades esportivas, é comum que os treinadores tenham sido atletas (Gründel et al., 2013) e em nosso estudo também observamos esta circunstância. Dos treinadores participantes, aproximadamente 96% praticaram modalidades coletivas, sendo destes mais de 75% praticantes de Handebol e/ou Handebol de praia. Esse dado vai ao encontro de estudos como o de Molina et al. (2012), realizado com 333 treinadores de handebol, que apontou quase 93% deles haviam praticado a modalidade antes de se tornarem treinadores, indicando assim um ponto importante dentro da formação dos profissionais. Ainda de acordo com Molina et al. (2012) os treinadores utilizam as experiências como praticantes, tanto nas primeiras etapas de atuação, quanto como profissionais de maiores níveis de formação, sendo que na medida que aumentam a experiência como treinadores, utilizam menos as vivências adquiridas como jogadores e mais as adquiridas fora de quadra, comandando a equipe.

Apesar disto, a experiência não deve ser a única via de formação, sendo fundamental para o sucesso a inclusão de diferentes maneiras de aquisição de conhecimento (Arioso et al., 2022; Molina et al., 2012). Nesse sentido, ao abordarmos os participantes sobre a formação acadêmica, a grande maioria destes é graduado em Educação Física ou Esporte (89.8%) e alguns estão com a graduação em andamento nessa área (2.7%). Este fato está atrelado a formação acadêmica ser uma das principais vias para a formação de treinadores no Brasil desde a Lei nº 9.696/98 (Milistetd et al., 2015). Este alto percentual de treinadores que se formam em instituições de ensino superior pode acabar influenciando no aumento da participação em atividade de formação continuada por meio desta via (Cortella et al., 2019). E isto vai ao encontro do alto número de treinadores que possuem pós-graduação (67.3%) detectado no presente estudo, observando-se assim um aumento na formação pelo contexto formal.

Outro resultado importante encontrado nesta pesquisa, é que a maioria dos treinadores não tem no trabalho com o Handebol sua principal fonte de renda. Este dado já vem sendo mostrado na literatura

em estudos como o de Egerland et al. (2009) que evidenciou que 78,4% dos treinadores desempenham outra função remunerada. Ainda corroborando nesse sentido, em estudo realizado com 10 treinadores de basquete de equipes de categorias de base na região sudeste do Brasil, 6 profissionais possuíam mais de um emprego para se manterem economicamente e, ainda, relataram sobre os baixos salários recebidos (Reis et al., 2016).

Já no ambiente escolar, local em que a prática do handebol é altamente popular, Neto et al. (2011) afirmam que é comum que os professores/treinadores responsáveis por estas atividades não recebam carga horária extra para esse tipo de atuação. Segundo Egerland et al. (2009), a remuneração dos treinadores tem sido modesta, fazendo com que exista a necessidade de desempenhar outras atividades para complementar a remuneração. A demanda de possuir vínculo em mais de um local para complementação de renda pode refletir negativamente, por acabarem dedicando menos tempo para aprimorar aspectos relacionados à prática como treinador da modalidade, tais como planejamento, formação complementar, entre outros aspectos que a dedicação exclusiva poderia proporcionar ao profissional (Reis et al., 2016; Tozetto et al., 2019).

Quanto aos locais de atuação, mais da metade dos treinadores afirmou atuar em escolas (52.2%), o que parece reafirmar a popularidade do Handebol no ambiente escolar no Brasil. Um estudo realizado com 7 atletas da Seleção Brasileira campeãs do mundo em 2013, encontrou que o principal espaço em que as atletas iniciaram a prática da modalidade foi na escola (Lima et al., 2022). Sendo assim, é importante que cada vez mais sejam implementadas políticas capazes de ampliar a estrutura para a prática desta modalidade, estendendo os campos de atuação dos treinadores e o desenvolvimento de atletas.

Outro resultado que chama atenção é de que apenas 3.1% ($n = 7$) dos participantes afirmaram realizar outra função além de treinador na equipe, no entanto, 48.7% da amostra afirmou que atua sozinho na comissão técnica. Desta forma, é possível que alguns treinadores exerçam mais de uma função e acabem por não reconhecer este fato. Contudo, um dado que pode ser considerado positivo é que aproximadamente metade da amostra possui auxiliar técnico. A literatura nos traz que estes profissionais são fundamentais para o desenvolvimento dos atletas,

pois são capazes de observar possíveis erros no processo, auxiliando o treinador ao longo do tempo (Reis et al., 2014), exercendo funções específicas visando aperfeiçoar o processo de treinamento, qualificando ainda mais o trabalho realizado.

Porém, no que tange a outros membros da comissão técnica que os participantes mencionaram, chama atenção o baixo percentual de psicólogos. Diversos estudos abordam sobre a importância de possuir este profissional dentro das comissões técnicas para atuar com os atletas e treinadores (Coimbra et al., 2008; Macedo & Roberto, 2021; Reis et al., 2014), além ainda da relevância de compreender os fatores psicológicos que afetam o desempenho (Corti et al. 2023; Jakšić et al., 2022; Pettersen et al., 2023). O estudo de Macedo e Roberto (2021) relata que ainda existe certa resistência por parte de dirigentes no que tange à inserção deste profissional, mesmo tendo evidências dos benefícios em desempenho e performance de atletas, no qual os psicólogos do esporte ajudam no preparo de toda a equipe, antes e durante a competição, em fatores como a autoconfiança, redução de estresse, ansiedade, entre diversos outros.

Ademais, os outros profissionais também aparecem em baixos percentuais e essa realidade pode ser prejudicial para o desenvolvimento dos atletas, tendo em vista a importância de uma comissão técnica e do trabalho interdisciplinar por ela realizado. Segundo Capinussú (2006) uma comissão técnica trabalha com o intuito de que os atletas estejam em plenas condições para a preparação físico-técnica, detectando e minimizando possíveis problemas. Entretanto, podemos especular que por diversos treinadores não possuírem dedicação exclusiva devido à baixa remuneração, que estes locais em que atuam possuem limitação orçamentária para contratar outros profissionais para suas equipes. Estes dados relacionados às comissões técnicas e baixa remuneração pode estar associados a 78,3% atuarem em equipes de categorias de base e mais da metade dos profissionais atuarem em escolas. E, nesses casos, é possível que as equipes não possuam um nível alto de exigência relativo à competitividade.

Ademais, é importante observar que 97.3% atuam ou já atuaram com as equipes de base. Este dado era esperado, tendo em vista que grande parte dos treinadores formados academicamente iniciam suas carreiras atuando com as categorias de base

Perfil dos Treinadores de Handebol do Brasil

(Fernandes, 2021). Essa ocorrência de atuação nas categorias de base pode ser benéfica para os profissionais, fazendo com que acumulem diferentes experiências com atletas iniciantes.

CONCLUSÕES

Apesar dos pontos fortes e contribuições do estudo, é necessário mencionar que a amostra por conveniência traz limitações quanto à representatividade, mesmo havendo participantes de todas as regiões e estados do país. Sendo ainda importante ressaltar que não é possível estabelecer o número de treinadores que atuam no Brasil, pois não há esta informação unificada, reduzindo a capacidade de generalizar os resultados encontrados (Musa et al., 2020).

Já o baixo retorno na colaboração das federações estaduais em disponibilizar os contatos de profissionais vinculados, acabou por dificultar a expansão da amostra. Além ainda de denotar uma possível negligência por parte das federações com o desenvolvimento da modalidade no país, levando em consideração que as pesquisas são altamente relevantes para o desenvolvimento esportivo no país.

Como sugestão para futuros estudos, conhecer o contexto individual de cada estado seria importante para que os órgãos competentes pudessem voltar suas ações para a situação específica de suas regiões. Além de estudos que busquem dar voz aos próprios treinadores para entender quais suas demandas para a evolução da modalidade no Brasil.

APLICAÇÕES PRÁTICAS

A principal contribuição do presente estudo está pautada na importância de entender o cenário dos profissionais que atuam como treinadores no Handebol no Brasil. Este artigo visa dar luz às necessidades e discrepâncias encontradas, tendo em vista que anteriormente, dentro da literatura, não se conhecia um estudo em que abordasse as variáveis de perfil aqui apresentadas. Sendo assim, espera-se que estes dados chamem a atenção dos órgãos competentes, e que os responsáveis busquem realizar ações para melhorar o campo de trabalho em que atuam os treinadores, trazendo mais espaço para mulheres, mais valorização financeira e condições estruturais para melhor desenvolvimento da modalidade.

AGRADECIMENTOS

Administradores dos grupos Handebol RS e Escola de Treinadores, Confederação Brasileira de Handebol, federações estaduais de Handebol do Brasil e a todos os profissionais que disponibilizaram seu tempo para contribuir nesta pesquisa.

FINANCIAMENTO

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

REFERÊNCIAS

1. Ariosi, L. M., dos Santos, W. R. & Menezes, R. P. (2022). Análisis de los contextos de aprendizaje de los entrenadores universitarios brasileños de baloncesto. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 22(3), 197-211. <https://doi.org/10.6018/cpd.429391>
2. Ato, M., López, J. J. & Benavente, A. (2013). Un sistema de clasificación de los diseños de investigación en psicología. *Anales de Psicología*, 29(3), 1038-1059. <http://dx.doi.org/10.6018/analesps.29.3.178511>
3. Bettiga, O. B., Marques Filho, C. V., Leonardo, L., Machado, J. C. B. P., Scaglia, A. J. & Galatti, L. R. (2023). Children's Training and Competition in Football: The Coach's View on Family Participation and Healthy Development. *Sustainability*, 15(3), 2275. <https://doi.org/10.3390/su15032275>
4. Capinussú, J. M. (2006). Manifestações interdisciplinares no esporte. *Revista de Educação Física*, 75(135). <https://revistadeeducacaoofisica.emnuvens.com.br/revista/article/view/430>
5. Coimbra, D. R., Gomes, S. S., Carvalho, F., Ferreira, R., Guillen, F., Miranda, R. & Bara Filho, M. (2008). Importância da psicologia do esporte para treinadores. *Conexões*, 6, 419-429. <https://doi.org/10.20396/conex.v6i0.8637845>
6. Cortela, C. C., Aburachid, L. M., Souza, S. P., Cortela, D. N. R. & Garcia, J. P. F. (2013). A formação inicial e continuada dos treinadores paranaenses de tênis. *Conexões*, 11(2), 60-84. <https://doi.org/10.20396/conex.v11i2.8637617>

7. Cortela, C. C., Milistetd, M., Galatti, L., Both, J. & Balbinotti, C. A. A. (2019). Perfil e desenvolvimento profissional de treinadores de tênis. *Caderno de Educação Física e Esporte*, 17(1), 167-178. <http://dx.doi.org/10.36453/2318-5104.2019.v17.n1.p167>
8. Corti, J. F., Raimundi, M. J., Celsi, I., Alvarez, O. & Castillo, I. (2023). The Moderating Effect of Athletes' Personal Values on the Relationship between Coaches' Leadership Behaviors and the Personal and Social Skills of Young Basketball Players. *Sustainability*, 15(5), 4554. <https://doi.org/10.3390/su15054554>
9. Costa, B. R. L. (2018). Bola de neve virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 7(1), 15-37. <http://dx.doi.org/10.9771/23172428rigs.v7i1.24649>
10. Egerland, E. M., do Nascimento, J. V. & Both, J. (2009). As competências profissionais de treinadores esportivos catarinenses. *Motriz. Journal of Physical Education*, 15(4), 890-899. <https://doi.org/10.5016/2946>
11. Fernandes, J. C. P. (2021). Uma análise do perfil dos treinadores ex-atletas do futebol profissional brasileiro. *Esporte e Sociedade*, 8(22), 1-16.
12. Ferreira, H. J., Salles, J. G. C., Mourão, L. & Moreno, A. (2013). A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. *Movimento*, 19(3), 103-124. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.29087>
13. Galatti, L., Bettega, O. B., Brasil, V. Z., de Souza Sobrinho, A. E. P., Bertram, R., Tozetto, A. V. B. & Milistetd, M. (2016). Coaching in Brazil sport coaching as a profession in Brazil: an analysis of the coaching literature in Brazil from 2000-2015. *International Sport Coaching Journal*, 3(3), 316-331. <https://doi.org/10.1123/iscj.2015-0071>
14. Gründel, A., Schorer, J., Strauss, B. & Baker, J. (2013). Does playing experience improve coaching? An exploratory study of perceptual-cognitive skill in soccer coaches. *Frontiers in psychology*, 4, 129. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2013.00129>
15. Harriss, D. J., MacSween, A. & Atkinson, G. (2019). Ethical Standards in Sport and Exercise Science Research: 2020 Update. *International Journal of Sports Medicine*, 40(13), 813-817. <https://doi.org/10.1055/a-1015-3123>
16. ICCE: International Council for Coaching Excellence, Association of Summer Olympic International Federations, & Leeds Beckett University (2013). *International coach developer framework* (version 1.2). Human Kinetics. <https://doi.org/10.1123/iscj.2021-0066>
17. Jakšić, D., Trbojević Jocić, J., Maričić, S., Miçoogullari, B. O., Sekulić, D., Foretić, N., Bianco, A. & Drid, P. (2022). Mental skills in Serbian handball players: In relation to the position and gender of players. *Frontiers in Psychology*, 13, 960201. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2022.960201>
18. Lesch, L., Kerwin, S., Thormann, T. F. & Wicker, P. (2022). Critical Masses and Gender Diversity in Voluntary Sport Leadership: The Role of Economic and Social State-Level Factors. *Sustainability*, 14(10), 6208. <https://doi.org/10.3390/su14106208>
19. Lima, L. A., Reverdito, R. S., Folle, A., de Subijana, C. L. & Galatti, L. R. (2022). Excelência no Handebol: o processo de desenvolvimento esportivo de atletas brasileiras campeãs do mundo. *Quaderns de Psicologia*, 24(1), e1798-e1798. <https://doi.org/10.5565/rev/qpsicologia.1798>
20. Macedo, F. L. & Roberto, T. G. (2021). A importância e os benefícios da psicologia do esporte: revisão da literatura. *Revista InterCiência*, 1(5), 2-9. <https://www.fafica.br/revista/index.php/interciencia/article/view/269>
21. Mendes, J. C., Milistetd, M., Ibáñez, S. J. & Nascimento, J. V. D. (2020). Fontes de conhecimentos dos treinadores: Estudo de caso das seleções brasileiras masculinas de handebol. *Pensar en Movimiento: Revista de ciencias del ejercicio y la salud*, 18(2), 81-98. <http://dx.doi.org/10.15517/pensarmov.v18i2.41103>
22. Milistetd, M., Duarte, T., Ramos, V., Mesquita, I. M. R. & do Nascimento, J. V. (2015). A

Perfil dos Treinadores de Handebol do Brasil

- aprendizagem profissional de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em Educação Física. *Pensar a prática*, 18(4), 982-994. <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/34988/19800>
23. Molina, S. F., Godoy, S. J. I., Calvo, A. L., Saiz, S. J. & Alonso, M. C. (2012). El conocimiento profesional adquirido por el entrenador de balonmano: experiencias y formación. *Revista de psicología del deporte*, 21(1), 107-115. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=235124455014>
24. Musa, V. D. S., Santos, W. R. D., Menezes, R. P., Costa, V., Aquino, R. & Menezes, R. P. (2020). COVID-19 and Brazilian handball coaches: impacts on training prescription and professional learning. *Motriz: Revista de Educação Física*, 26(4), e10200127. <https://doi.org/10.1590/S1980-65742020000400127>
25. Neto, A. R. M., Ferreira, A. da C. & Soares, A. J. G. (2011). Políticas de esporte escolar e a construção social do currículo de educação física. *Motriz: Revista De Educação Física*, 17(3), 416–423. <https://doi.org/10.1590/S1980-65742011000300005>
26. Passero, J. G., Barreira, J., Junior, A. C. & Galatti, L. R. (2019). Gender (in) equality: a longitudinal analysis of women's participation in coaching and referee positions in the Brazilian Women's Basketball League (2010-2017). *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 19(1), 252-261. <https://doi.org/10.6018/cpd.348611>
27. Pettersen, S. D., Martinussen, M., Handegård, B. H., Rasmussen, L. M. P., Kuposov, R. & Adolfsen, F. (2023). Beyond physical ability—predicting women's football performance from psychological factors. *Frontiers in Psychology*, 14, 1146372. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2023.1146372>
28. Reis, C. P., Ferreira, M. C. C., Bicalho, C. C. F., de Albuquerque Moraes, L. C. C. & da Costa, V. T. (2016). Treinadores da categoria de base do basquetebol masculino brasileiro: trajetória profissional e condições laborais. *Revista de Educação Física*, 85(2), 66-75. <https://doi.org/10.37310/ref.v85i2.146>
29. Reis, C. P., Moraes, L. C. C. de A., Ferreira, M. C. C., Noce, F. & Costa, V. T. da. (2014). Recursos humanos, financeiros e materiais de atletas de basquetebol nas categorias de base e a percepção dos treinadores sobre a formação dos atletas. *Revista Brasileira De Educação Física E Esporte*, 28(3), 491–503. <https://doi.org/10.1590/1807-55092014000300491>
30. Ribeiro, L. C. M, Figueiredo, L. S., Menezes, R. P., Cruz, P. W. S., Predrosa, G. F., Castro, H. O., Fernandes, L. A., Silva, R. F. B. & Fonseca, F. S. (2022). Treinadores de handebol brasileiros e seu conhecimento sobre os métodos de ensino dos esportes coletivos. In J. M. J. Eustaquio, & O. B. Neto (Eds.). *Medicina do exercício e do esporte: evidências científicas para uma abordagem multiprofissional* (pp. 125-141). Editora Científica Original. <https://doi.org/10.37885/220509031>
31. Salles, J.G.C., Silva, A.B.R., Jancer, H.F., Gonçalves, C.R. & Silva, C.E. (2009). O goleiro de handebol – da iniciação ao treinamento – o que se tem feito? *Coleção Pesquisa em Educação Física*, 8(1), 163-170.
32. Tozetto, A. B., Milistetd, M., Collet, C., Iha, T., Anello, J. & do Nascimento, J. V. (2019). Treinadores de basquetebol: Os desafios da prática no ambiente de formação esportiva. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 19(1), 291-301. <https://doi.org/10.6018/cpd.349001>
33. World Medical Association (2013). World medical association declaration of Helsinki: ethical principles for medical research involving human subjects. *Journal of the American Medical Association*, 310, 2191–2194. 94. <https://doi.org/10.1001/jama.2013.28105385>